

Índios: assimilados, mas não extintos

Com população em franco crescimento, povo indígena tende a se adaptar à cultura dos brancos, mas sem desfazer os laços com a tradição milenar

OPINIÃO - PUC/PP
ABR. 1999

WINRΦΦ91

Muitas vezes esquecidos e tratados como exóticos, os índios foram peça fundamental na formação do Brasil. Infelizmente, no contato com os brancos que aqui chegaram movidos pelo interesse lucrativo, eles se deram muito mal. "O descobrimento foi um movimento de extermínio e genocídio e não de encontro de culturas", define a historiadora Heloisa de Faria Cruz, coordenadora do Pós em História.

A população de cerca de 5 milhões de índios, em 1500, foi praticamente aniquilada. Os sobreviventes se viraram como puderam e somente a partir da década de 80 deste século houve uma efetiva retomada de seu crescimento, que vem se mantendo constante até agora.

Segundo a Funai (Fundação Nacional do Índio), hoje o Brasil tem 325 mil índios. Já o Instituto Socioambiental (ISA), - ONG criada há cinco anos, a partir da junção do Programa Povos Indígenas no Brasil, Centro Ecumênico de Documentação e Informação e Núcleo de Direitos Indígenas de Brasília -, calcula em 280 mil, ou seja 0,2% da população brasileira, o total de índios.

Essa diferença se deve à dificuldade em se apurar os dados demográficos, em função de alguns limites de ordem técnica, tais como recenseadores que não dominam os idiomas indígenas e não compreendem a organização social e a dinâmica espacial e sazonal das tribos.

O que se sabe é que os descendentes estão espalhados por quase todo o país, com exceção do Piauí e do Rio Grande do Norte, e têm 11% do território nacional garantido pela Constituição. Atualmente, o ISA contabiliza 210 povos indígenas já contatados, com 170 línguas e dialetos, e estima que 53 grupos vivam de forma isolada, na região amazônica.

As maiores populações são a dos povos Sateré-Mawé, Potiguara, Xavante e Yanomami (5 a 10 mil); Guajajara, Kaingang, Terena e Makuxi (10 a 20 mil); e Ticuna e Guarani (20 a 30 mil). Boa parte foi assimilada pela cultura branca e hoje muitos trabalham como bóias-frias. Mas há também os que se tornaram aviadores, políticos e acadêmicos. "A tradição indígena sofrerá as alterações necessárias para que os índios possam se adaptar aos novos problemas que vão surgindo, mas especificamente os índios da Amazônia têm ainda muito tempo para viver dentro dos padrões de suas culturas", explica a antropóloga e etnóloga Carmen Junqueira, professora do Pós em Ciências Sociais, que há 30 anos atua no Xingu (MT).

Autora da tese de doutorado *Os Kamaiurá e o Parque Nacional do Xingu*, defendida na Unicamp, em 1967, Carmen falou à Opinião, no mês em que se comemora o Dia Nacional do Índio.



por Carmen Junqueira

População

A situação melhorou, se levamos em conta os últimos 50 anos, já que a população indígena como um todo está crescendo, apesar de haver grupos que ainda estão diminuindo. De um modo geral, os grupos de contato recente têm população em queda ou porque suas terras são invadidas ou porque são atingidos por doenças.

Choque de Culturas

Os índios, quando viram aqueles barcos, aquelas máquinas, aquele poder de fogo, devem ter ficado deslumbrados, como nós com os eletrônicos, com os EUA etc. Culturalmente, eram experiências muito diferentes. Uma sociedade mercantil contra outra que estaria ainda na fase da agricultura, o que a Europa talvez tenha sido há 10 mil anos. Isso não quer dizer que eu esteja depondo contra a cultura indígena, que a meu ver era muito mais rica de símbolos. Mas, neste momento, o português, de um modo geral, com raras exceções de alguns intelectuais e artistas, não tinha interesse pela cultura daqui, como não tinha pela cultura da África. Se houvesse interesse, haveria diálogo. Prova disto é que, a partir do fim da ditadura no Brasil, em meados de 1980, começamos a ativar o diálogo intercultural e tornou-se possível, ainda que de uma forma singela, um contato entre índios, artistas, intelectuais, estudantes. Não digo contato com fazendeiros, madeireiras, pois, nestes casos, o diálogo ainda é do tipo mercantilista, quando não violento.

Cidadania

Hoje existem muitas organizações indígenas que lutam cada vez mais para ampliar a sua cidadania. E têm conseguido sucesso, apesar de ainda hoje os índios encontrarem dificuldades para conseguir coisas básicas, como

tirar carteira de identidade. Acontece que algumas destas sociedades são formadas por comunidades não muito politizadas em nossos termos. Então, por exemplo, em áreas que eu trabalhei, como no Mato Grosso, a comunidade ou a ONG locais serviam para intermediar a venda de madeira! É claro que, nestas situações, é sempre um chefe indígena ou alguém que saiba melhor o português que acaba levando alguma vantagem.

Preservação

Sempre houve muitos idealistas, mas eu nunca vi ninguém querer preservar estaticamente o índio, mesmo porque seria de uma ineficácia absoluta. O que havia, em alguns casos, era um cuidado muito grande para proteger o índio, muitas vezes bem intencionado. O jogo neste sertão brasileiro é pesado. Eu conheço. Os donos do poder fazem atrocidades. Então, às vezes, no afã de proteger é que vinha este discurso. Mas, o mais grave foram aquelas pessoas, aquelas organizações, inclusive governamentais, que queriam estimular a integração do índio. Ora, o índio não precisa disso, mas de sua terra, saúde e educação. Eles vivem aqui há 6 mil anos, no mínimo. Por que eles precisam do Ministério Público ou da Funai (Fundação Nacional do Índio) para dizer o que eles têm que fazer? E não podem ser empurrados para um contato mais acelerado com o restante da sociedade nacional. Porque a maioria dos grupos indígenas que foram submetidos a isso se estropiaram, já que, por exemplo, eles são muito sensíveis ao álcool. Existem casos gravíssimos de homens de aldeias inteiras terem se viciado.

Funai

Ao serem tutelados pela legislação, os índios têm direito a permanecer na terra, que não é deles, mas da União. Por isso que nunca se lutou pela extinção da tutela: ela é vinculada a

posse e usufruto da terra. Na teoria, essa tutela era para impedir que os índios fossem prejudicados, mas na prática, ficou sendo um instrumento de dominação e de subordinação.

Perfil

A maioria trabalha na agricultura e mora nas próprias terras. Grande parte dos homens fala português e os jovens estudam. Mas, não posso generalizar, então vou falar de uma região privilegiada que é o Xingu (MT), onde eu trabalho há 30 anos. Lá, no início desta década, implantamos um projeto, do qual eu participei da organização, de formação de professores indígenas. Então, recebeu-se índios de todas as idades, que gostavam de ensinar quer na própria língua, quer em português, para dar aula de aritmética, geografia etc. E por que se fez isso? Porque ocorria uma saída muito grande de jovens para as cidades vizinhas, onde entravam em contato com álcool, prostituição, Aids. Agora, a maioria dos jovens no Alto Xingu - ao todo são cerca de 6 mil índios - estão estudando dentro da aldeia. Este projeto teve início com a ONG Mata Virgem, do cantor inglês Sting, da qual eu fazia parte do conselho. Em paralelo a isso, a Escola Paulista de Medicina, que atua no Xingu há mais de 30 anos, prestando assistência médica, começou a fazer treinamento de agentes de saúde indígenas. São jovens índios e índias que identificam doenças na aldeia, sabem manusear microscópio etc.

Cultura

Os índios ainda guardam o arco e flecha, mas já sabem que é um símbolo como para nós foi o carro de boi. Eles não descartam como uma peça da história deles e, portanto, de identidade. Mas tem índio aviador, mestrando em história, político. Também tem alguns outros morando em periferias de cidades, porque perderam suas terras ou porque a terra ficou

muito pequena para sustentar a família. O que se percebe é que os índios que ainda vivem na própria terra têm alívio. E ficando todos alfabetizados, instruídos na sua própria história, com os documentos coloniais - que pelo menos para isso servem -, podem reconstruir lacunas de sua história, de sua cultura.

Luta pela sobrevivência

Os índios continuam a ter que lutar muito pelos seus direitos, mas a maioria luta pela sobrevivência imediata. Eles estão cercados porque a caça está sumindo, o rio está poluído. Se eles não conseguem comer, nem beber, como é que vão viver? Também lutam por educação e saúde.

Perspectivas

Daqui a aproximadamente 100 anos estima-se que ainda existirão muitas tribos indígenas. No entanto, é muito provável que essas estejam residindo em suas terras, mas participando da cultura dos brancos. Desastres podem ocorrer, já que o Brasil se especializou na matança de índios, mas estes têm consciência dos perigos que os brancos podem vir a causar para a sua comunidade. Como boa parte dos índios tem contato com médicos, antropólogos e outros brancos, tendem a adaptar alguns costumes destes.

Esperança

Os índios ainda têm muitas mágoas. Por exemplo, os índios Cinta Larga, nestes anos que eu trabalhei no MT, dizem "na família de todo mundo aqui tem pelo menos um que foi morto por branco. Vocês mataram muitos de nós". Mas os índios não perderam as esperanças, eles lutam, são guerreiros ainda. Nestes 500 anos, eu proporia a eles a perseverança, porque nada cai do céu. A luta pelos direitos não pode parar. **DP**

PARA SABER MAIS...

Instituto Socioambiental (ISA)
<http://www.socioambiental.org>

Maira
Darcy Ribeiro
Cia. das Letras
R\$ 22

Os índios e a civilização
Darcy Ribeiro
Cia. das Letras
R\$ 35

Índios do Brasil
Mércio Gomes
Melhoramentos
R\$ 10,90

Os índios de Ipavu
Carmen Junqueira
Ática
R\$ 18,10

Antropologia indígena Uma introdução
Carmen Junqueira
Educ
R\$ 7

